

# Osesp lança temporada 2023 para fugir do óbvio

‘Na arte não há verdade, apenas o desejo de descobrir. É o que buscamos’, diz o diretor musical **Thierry Fischer**

.....  
**JOÃO LUIZ SAMPAIO**  
 ESPECIAL PARA O ESTADÃO  
 .....

A Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) fará cerca de 120 concertos em sua temporada 2022. A abertura oficial será em março, com a *Sinfonia n.º 3* de Mahler.

O tema da programação é Sem Fronteiras e o ano terá, como de costume, grandes nomes internacionais, como os violoncelistas Sheku Kanneh-Mason e Gautier Capuçon (o violoncelo será o instrumento em foco do ano) ou o pianista Stephen Hough, que vai tocar os quatro

concertos para piano e orquestra de Rachmaninov. A lista inclui ainda regentes como Alondra de La Parra, Louis Langrée e Giancarlo Guerrero.

Entre as encomendas de obras, estão peças de Aylton Escobar, Jorge Villavicencio Grossmann, Paulo Chagas, Anna Clyne e Heinz Holliger. Na música de câmara, a novidade é o Quinteto Osesp, formado por musicistas da orquestra.

**ARCO.** O repertório cobre um arco que vai dos barrocos aos contemporâneos. A diversidade se espalha por toda a agenda, mas é particularmente significativa nos 12 programas que o regente titular e diretor musical Thierry Fischer vai comandar.

De Bach a autores de nosso tempo, ele passa pelo classicismo (com Haydn e Mozart), o início do romantismo (*A Dança de Fausto*, de Berlioz), o final



O violoncelista Sheku Kanneh-Mason é um destaque da agenda

do século 19 e o pós-romantismo (Mahler, Rachmaninov), o modernismo (Sibelius) e diferentes facetas da vanguarda, com György Ligeti, Olivier Messiaen, Henri Dutilleux, John Adams, entre outros.

É quase um caminho cronológico pela história da música. E não há nisso nenhuma coincidência, explica Fischer. “Em es-

pecial depois da pandemia, preciso experimentar a orquestra em suas forças e fraquezas. Precisamos nos encontrar e reforçar o que temos de melhor e re-trabalhar algumas coisas.”

O maestro se diz mais confiante do que nunca de que “essa orquestra pode e será o que merecer ser”. “Vai ser fácil? Vai ser amanhã? Não, precisamos

de tempo. Construir uma visão exige disciplina coletiva, consistência e determinação.”

Fischer dá como exemplo dessa busca a escolha da interpretação das sinfonias do compositor finlandês Jean Sibelius como um dos principais focos de sua gestão. “Sibelius leva os músicos a áreas em que precisamos estar juntos para conseguir resultados. Shostakovich, Strauss, a Osesp toca isso muito bem. Se escolhesse esses autores, a noção de desafio não seria cativante. Eu queria pensar em uma evolução que nos levasse juntos, camada a camada. Sibelius nos oferece isso.”

“Uma noção essencial para mim na arte é que o óbvio não traz a verdade da beleza. Nele, está o perigo, quando você coloca questões lógicas onde não há respostas lógicas. Na arte, não há verdade, apenas desejo de descobrir. É o que buscamos.” ●